



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº34 ♦ NOVEMBRO/DEZEMBRO ♦ 1994 ♦ BIMESTRAL

P-82
INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA
DE DOCUMENTAÇÃO

EDITORIAL DE DOCUMENTAÇÃO CRESCER EM FAMÍLIA

A família constitui o elemento base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros.

No entanto, as relações intrafamiliares não podem ser desligadas do conjunto das relações sociais, condicionam-nas e são condicionadas pelas normas e valores da sociedade. A família existe como um sistema dentro de um sistema sociocultural mais vasto.

Numa sociedade de evolução rápida, a família pode e deve fornecer a todos os seus membros o suporte efectivo que lhe é essencial para se adaptar a esta evolução, mas se a sociedade se transforma de uma forma cada vez mais desumanizada, torna-se difícil pedir que a família seja o núcleo de amor que sabemos ser essencial ao desenvolvimento harmonioso dos seus membros.

Os membros de cada família são hoje confrontados com situações de competição, violência, numa demonstração clara que os valores da solidariedade estão a ser substituídos pelo individualismo. Neste âmbito, a família fecha-se sobre si mesma, contribuindo para o isolamento social que afasta cada vez mais a sociedade dos seus ideais de desenvolvimento.

Assim, torna-se importante a reflexão sobre situações que a família enfrenta, a que o Ano Internacional dedicado à Família deu um importante impulso, realçando a necessidade de medidas efectivas que apoiem a família, pois ela é o garante da identidade social de cada um, através de normas e valores que incute na criança e que estarão na base da sua personalidade.

Mas, mesmo tendo consciência das dificuldades que afectam a estrutura familiar, há que abordar o assunto de forma objectiva, sem esquecer o caminho percorrido. Ao longo da História, a família tem sofrido diferentes transformações; neste sentido, importa realçar o papel da criança na família, o qual tem vindo a ser alvo de um maior investimento afectivo e social, considerada como sujeito pleno de direitos.

Neste natal, em que a atenção se centra na família, tenhamos Maria e José como exemplo de amor, tornando mais presente a esperança, acreditando que a mesma Estrela continua a iluminar o nosso caminho e os esforços que desenvolvemos torná-la-ão mais presente na vida de cada família.

MARIA JOÃO PENA



DESENHO EXTRAÍDO DE LA LETTRE DE L'IDEF, DE JANEIRO DE 1994

A CRIANÇA E A FAMÍLIA

UM ARTIGO DE MANUELA EANES
P. 2/3

O PROF. CALVET DE MAGALHÃES RECORDADO POR ANTÓNIO TORRADO

P. 4/5

"SER SOLIDÁRIO" NO 3º COLÓQUIO NACIONAL DE VOLUNTARIADO

P. 6/7

PARA UM TRABALHO DE PREVENÇÃO E HUMANIZAÇÃO
DO ESPAÇO EM QUE VIVEMOS

A CRIANÇA E A FAMÍLIA

Não basta falar da importância da família e dos pais, do afecto e da inteligência, para promover o bem-estar da criança. Não basta o saudosismo dos "bons velhos tempos" em que a educação era outra coisa, nem lamentar que a família e os pais já não cumpram como lhes compete na tarefa educativa. É necessário analisar a situação desde as suas raízes históricas e culturais, humanas e tecnológicas. É necessário fazer participar os pais e os técnicos, a família, as comunidades, na organização e suporte das instituições. É necessário o estudo sistemático das condições socioeconómicas e do ambiente habitacional, urbanístico e de serviços disponíveis para a mulher mãe e para os casais jovens.

João dos Santos
*A Caminho de Uma Utopia...
Um Instituto da Criança*

NO Portugal de hoje, como acontece felizmente na maioria dos países, é notória uma maior preocupação pela criança, encarada esta como sujeito de direitos: direitos que abrangem não apenas os direitos civis, mas também os económicos, culturais e sociais e até novos

direitos, como o direito a um ambiente são, onde a criança possa crescer e desenvolver-se equilibradamente.

No entanto, o que se torna absolutamente urgente e deveria constituir a mais alta prioridade em relação à criança é a definição e realização de uma política global relativa à infância.

O que é fundamental em relação a cada família e a cada

comunidade é todo um trabalho de prevenção e humanização do espaço em que vivemos.

Ao falarmos de todos estes problemas, temos que, necessariamente, reflectir sobre a sociedade em que vivemos, a família em que as nossas crianças e os nossos jovens crescem, a Escola que lhes oferecemos e os valores que lhes transmitimos.

É cada vez mais urgente empenharmo-nos, todos — pessoalmente, num trabalho coordenado com as diferentes instituições de cada comunidade —, em criar as condições sociais, de ambiente e de lazer, que ajudem os nossos jovens a crescer saudavelmente.

Mas todos estarão empenhados nisso? Estamos a viver num tempo do ser ou do ter? E que valores são transmitidos aos nossos jovens?

Não se prestará, muitas vezes, demasiada homenagem ao dinheiro, ao sucesso a qualquer preço, à ostentação, à solidariedade de fachada feita espectáculo ou, pelo contrário, damos como exemplo de vida a dignidade, a honestidade e uma fraternidade autenticamente vivida?

É preciso sermos honestos conosco próprios e perguntarmo-nos: que tempo dispensamos aos nossos filhos? Que assunto debatemos com eles? Que tempo convivemos? Aproveitamos bem o tempo das refeições em comum, dos fins-de-semana, das férias anuais? Porque não interessa tanto o tempo em que estamos juntos, mas a qualidade desse tempo. Não estar apenas com... mas estar verdadeiramente em disponibilidade interior, num clima afectuoso de muita confiança.

A OPORTUNIDADE DA FAMÍLIA

Num encontro sobre "A Criança e a Família" — realizado em Abril de 88, promovido pela Pediatria Social, Centro de Estudos Judiciários, Núcleo de Crianças Maltratadas

do Hospital de Stª Maria, e em que também colaborou o IAC —, foi frisado, numa das várias conclusões, que tanto a família como as restantes instituições que influenciam a educação das crianças e dos jovens podem actuar de modo disfuncional na medida em que, deixando de ser fonte de transmissão de valores, não proporcionem ao indivíduo instrumentos para viver em sociedade.

A desadaptação social das crianças e dos jovens é vista como a principal consequência da disfunção das instituições fundamentalmente responsáveis pelo seu desenvolvimento — nomeadamente a família.

Qual é então o papel fundamental da família?

Encarando a família como o elemento fundamental na formação do jovem e na sua progressiva caminhada para uma verdadeira autonomia, é primordial que esta assuma inteiramente as suas responsabilidades e não delegue nenhuma das suas funções em ninguém ou noutras instituições.

Para que a família desempenhe uma função autenticamente preventiva, em relação a problemas graves como a delinquência e a droga, precisa de organizar-se num ambiente estável, de grande disponibilidade entre si, de vivência dos grandes valores e de um clima de interajuda. A agressividade do exterior terá de corresponder em casa a palavra amiga, o diálogo, o calor humano e a compreensão perante cada situação concreta. Mais do que todos os discursos moralistas, é fundamental, no momento exacto, um diálogo em clima de grande abertura.

É essencial encontrar o ponto de equilíbrio entre a desculpabilização sistemática, no quadro de uma superprodução doentia e a repressão, que conduzem ao afastamento e à marginalização. Ser firme com ternura e ter consciência do que se passa à nossa volta é



BOLETIM DO IAC
Nº 34
NOVEMBRO/DEZEMBRO
1984
director
Mário Rossi Azeiteiro
coordenação
Grupo Técnico do IAC
António Tomado
Cristina Castilho
Luís Carlos Santos
edição
Instituto Apoio Criança
Largo do Município, 14
1000 Lisboa
concepção gráfica
e produção
João Imigração
fotógrafos
Rosa Lda
impressão
Tipografia Ligeira
deposição legal
Nº 12 198/84
tiragem
3000 ex.



missão de todos nós — mães, pais e educadores do nosso tempo.

Mas o diálogo não pode acontecer, apenas, no momento da crise. Tem que ser um hábito de sempre da família, com a criança desde logo muito pequena. Falar e deixar falar. Conversar sobre qualquer assunto e estar sempre atento às pequenas grandes descobertas, às grandes e pequenas alegrias e desgostos do seu dia-a-dia.

DA MATERNIDADE... PARA A VIDA

É hoje ponto assente, por todos os especialistas, que a estruturação da personalidade do homem tem também o seu ponto de partida no jogo de relações que se estabelecem entre a mãe e o filho durante os primeiros meses ou anos. Tudo quanto se faça, sem ter em conta as necessidades fundamentais do bebé, pode ter graves consequências nas relações futuras da criança com a família, o grupo infantil, a escola e a sociedade.

A criança, mesmo antes de nascer, tem direito a ser amada, tem direito a ser desejada, tem direito à paz que lhe vem do amor.

No livro *A Caminho e Uma Utopia...* Um Instituto da Criança, escreve o dr. João dos Santos: "Para que uma criança seja recebida pela mãe em condições favoráveis ao seu desenvolvimento e equilíbrio é necessário que a gravidez decorra

tranquilamente e portanto que a grávida se sinta apoiada e protegida."

As mães solteiras, abandonadas ou desprotegidas — vivendo portanto uma situação de crise e de insegurança — devem ser específicas e prioritariamente protegidas.

A protecção materno-infantil tem de ser compreendida em relação com o problema da família, considerada esta, não como instituição abstracta ou estática, mas no dinamismo que acompanha o desenvolvimento social.

A criança e o jovem têm direito a ter uma família para crescer em paz e desenvolver-se equilibradamente. Mas não podemos esquecer as famílias desagregadas.

Nas famílias multiproblemas ou no caso de ruptura definitiva da vida conjugal é fundamental que os adultos não se esqueçam da criança e do jovem. Por exemplo, no caso de divórcio, devem ser feitas as possíveis diligências para que o divórcio por mútuo consentimento seja privilegiado face ao litigioso, uma vez que, sendo menos traumatizante e dramático, facilite um clima mais tranquilo.

NASCER, CRESCER, VIVER

Na Bélgica, por exemplo, existe já um serviço telefónico e de atendimento directo para jovens e famílias em situação como estas (SOS Enfant et Divorce)..

Também em relação às crianças e jovens privados de meio familiar normal há que fazer mais. Há que investir a nível da comunidade em todos os recursos, sensibilizando as várias instituições e dotando-as de apoio social e todos os meios necessários para darem uma melhor resposta nesta área.

Cada vez mais se exige uma política integrada de protecção à criança, ao jovem e à família.

É as soluções devem resultar de uma actuação global, ao nível não só da prevenção terciária mas também, e sobretudo, da prevenção primária e secundária.

A intervenção, a qualquer destes níveis, deve ser multifacetada e coordenada num esforço de interdisciplinaridade e de interinstitucionalidade responsáveis que permitam que o interesse da criança, do jovem e da família sejam directamente assegurados.

É pois no apoio à família, não através de meras declarações de intenções, mas sim entendido, na sua autêntica dimensão, que se deve buscar o contributo marcante e eficaz, para a prevenção das situações de desadaptação da criança e do jovem. Pois muitas dessas situações de desadaptação não são senão, também, a consequência das dificuldades e da insegurança dos adultos que as rodeiam e que lhes deviam transmitir, mais pelo exemplo do que pela palavra, os primeiros valores de integração social.

Citando a Maria Rosa Colaço, sócia fundadora do IAC e que tanto de belo tem oferecido às nossas crianças: "Que os direitos das crianças sejam mais do que nas paredes e nos cartazes e nos poemas e nos relatórios inscritos no coração dos homens e cumpridos por todos os responsáveis".

Ou, como diz a Matilde Rosa Araújo, uma grande voz da poesia, também sócia fundadora do IAC e que, com tanta sensibilidade e ternura, tem defendido os Direitos da Criança: "Em dignidade vamos querer que a criança nasça, cresça, viva..."

RECORDANDO O PROF. CALVET

ANTÓNIO TORRADO

CORRERAM vinte anos sobre a trágica morte do Prof. Calvet de Magalhães. Todas as mortes são trágicas. Por cada corrente de vida interceptada uma experiência pessoal que se despenha, um verbo essencial que passa a intransitivo. Mas ainda quando a interpolação advém de um acto voluntário, de uma radical decisão auto-suspensiva.

A 29 de Agosto de 1974 suspendeu a sua carreira de bom professor.

O bom professor, como mister ou categoria ontológica, expõe-se sempre no que é para que os outros o sejam. A sua capacidade de projecção sobre os que irão atingir metas de futuro a que ele, fisicamente, já não terá acesso, é a sua razão de ser e a sua magia. Por isso o bom professor, por mais inseguro que seja, às vezes, a sua sustentação existencial, transporta sempre consigo o optimismo.

Atrás dele, com ele conivente, destacando-lhe a silhueta, justificando-lhe a predicação, o amplo rectângulo de ardósia talvez pudesse, analogicamente, passar a chamar-se "Quadro dos Progressos do Espírito Humano"... Convenço-me de que o autor da "Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humain" não rejeitaria a apropriação.

Por sinal que a crença quase religiosa do Marquês de Condorcet no infinito aperfeiçoamento da humanidade, se lhe ditou a sua derradeira obra de convicções iluministas, não o impediu, escasso tempo depois, de se dar à morte, envenenando-se, a meio dos torvelinhos da Revolução Francesa.

Mas comprometeríamos pessoas e circunstâncias se nos aventurássemos pelo terreno das equivalências. Quem privou com o Prof. Calvet de Magalhães concordará comigo. Era uma força jubilosa de vida, dotado de um dinamismo e de um apetite de acção, quer educativa quer artística, que no Portugal mortífero dos anos 60, em que o

conheci, sobressaía de forma quase escandalosa.

Os que andaram pelos jornais dessa época (no "Diário de Lisboa" e, depois, n'"A Capital", de que foi um dos primeiros colaboradores) recordarão a sua permanente disponibilidade. Por vezes, o jornalista embaraçado com um tema, nas áreas da educação e afins, salvava as suas lacunas com depoimentos, que lhe escoravam as colunas de prosa. Ensino misto e co-educação, teatro para crianças, expressão plástica infantil, literatura infanto-juvenil, novo ano escolar ou balanço do ano lectivo, que sei eu, a quem recorrer para dar uma mãozinha, uma opinião creditada, que enriquecesse o artigo? A resposta inevitável era só uma: fala-se com o Calvet.

Falava-se e o depoimento vinha com informação e segurança, apoio estatístico, bibliografia básica e uma pitadinha de irreverência, também.

Ou então o Prof. Calvet passava a hola com desenvoltura: "Telefonem para Fulano. Desse assunto ela é que sabe." Nem sempre sabia, mas a confiança que depositava nas pessoas, por quem nutria afeição, e a sua ilimitada generosidade davam-lhe para estes gestos de quase leviana filantropia, paradigmáticos de uma personalidade efusiva, que à evidência sentia prazer em dividir o bem pelas aldeias.

À conta destes rasgos, fadou gente, guindou a especialistas disto ou daquilo quem o não era de nada. Falo até por mim. Mas que estimulantes, naquele tempo de amadores e voluntários, os desafios de Calvet!

Não seria homem de investigação e gabinete, mas de invenção e de gabinetes, o dos outros, por onde destemidamente entrava, abraçando projectos, atirando ideias, inflamando ânimos, desinquiando. Era um agitador pedagógico, uma acendalha perigosíssima.

Sem abdicar dos seus propósitos de renovação de ancilosadas estruturas do ensino de então, o Prof.

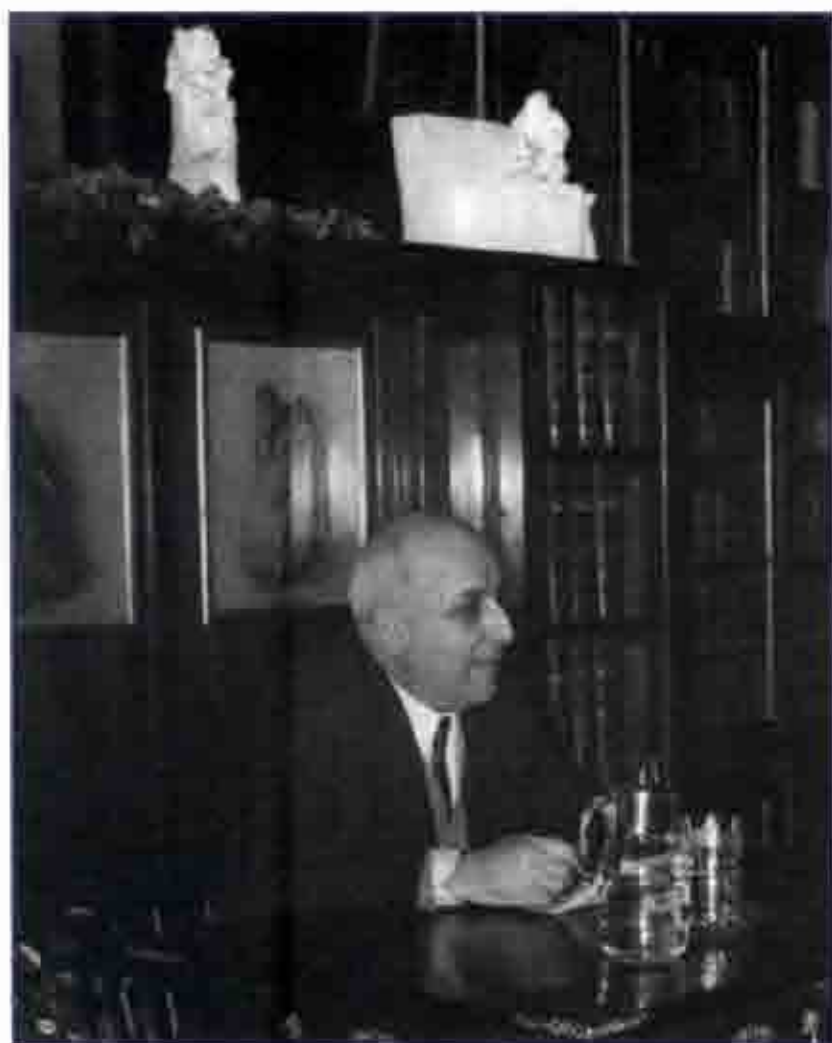
Calvet de Magalhães movia-se com desembaraço por todos os corredores. E movia-se, sem dano aparente, porque tinha estatuto, porque inteligentemente o cultivara, ao longo de décadas, atraindo amizades de todas as bandas, chamando à colaboração activa as mais diferentes e opostas convicções. "Enfant terrible" institucionalizando, o Prof. Calvet desse título de desplante tirava partido excepcional para, numa sociedade arreganhada por desconfianças e ressentimentos, estabelecer consensos, atenuar diferendos, com as armas do bom humor, o sentido prático, da jovial divisa dos ganhadores: "O que tem de fazer, faz-se!" E fazia-se, porque era o Calvet o irresistível dinamizador do que havia a fazer.

Não cabe no espaço desta resenha de evocação a listagem de participações em organismos oficiais, onde a sua fé (e boa-fé!) num processo evolutivo da sociedade portuguesa, através da instância modeladora da educação, se fez sentir. Resuma-se que da motivação para a expressão livre infantil ao ingresso dos audiovisuais na escola, da autodeterminação das organizações escolares, em todos os domínios o Prof. Calvet de Magalhães teve intervenção pioneira.

Ao lado da sua acção "indisciplinadora" em diversos circuitos do Ministério da Educação, viamo-lo, com igual empenho, associar-se a iniciativas da periferia ou da "contracultura", se assim valerá chamar à colecção de empenhamentos, que se moviam numa área de mais ou menos aberta contestação ao torpor oficial, nos domínios da educação e do ensino. Diplomata como era, sabia até que ponto o seu nome podia sancionar uma diligência, desembaraçar um projecto e não o regateava. Entre margens opostas, o Prof. Calvet de Magalhães ajudou a levantar pontes úteis.

Claro que uma personalidade assim, dotada de uma particular vocação para a engenharia social, fatora de equilíbrios, não podia

VET DE MAGALHÃES



ser entendida por todos. São os riscos que corre quem não frequenta nem promove maniqueísmos redutores.

Quando pela inevitabilidade histórica os extremados confrontos mais vivamente se desenharam, com a ruptura do pós-25 de Abril, terão ficado subitamente desocupados os construtores de pontes ou os que sonhavam construí-las, suspensas sobre o caudal dos conflitos.

Admito que o Prof. Calvet de Magalhães se propusesse, então, recuar, resguardar-se; por reconhecer que o tempo não era já propício à moderação harmonizadora

em que exemplarmente se distinguira, antes. Mas se assim procedesse, a sua atitude prestar-se-ia a equívocos, porque, nessa época, só os vencidos procuravam a penumbra. Ora, há que sublinhar com toda a firmeza que o Prof. Calvet de Magalhães não era deles, desse lado amargurado da História. E como poderia sê-lo se, com o seu estilo de gestor escolar, com a sua multifacetada intervenção pedagógica, contribuíra decisivamente para antecipar, na prática, o que passou a valer, depois de 1974/75, para a generalidade das escolas portuguesas?

A escola democrática leve a sua primeira aplicação experimental, desde os anos 60, na Escola Francisco de Arruda, a que a acção do Prof. Calvet de Magalhães está indissociavelmente ligada. A este propósito, ocorre-me fechar esta texto com uma proposta.

Antes de lançá-la, penalizo-me por, nesta breve compilação de uma vida, terem ficado por referir muitas dádivas de talento, de entusiasmo, de sensibilidade, atribuídas pelo Prof. Calvet a inúmeras invenções colectivas, centradas na criança portuguesa, no seu prazer, na sua cidadania.

Atropelam-se-me na memória ocorrências várias, como que a pedirem todas a justiça de uma menção: a Cooperativa Ludus, de que foi um dos decisivos motivadores; a colecção Carrocel, que fundou e acompanhou com Lília da Fonseca e José de Almeida, única oportunidade de publicação, pelos meados dos anos 60, para a maioria dos autores portugueses de Literatura para crianças; a Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, onde foi, com Alice Gomes, um dos eixos de rotação; o Instituto de Tecnologia Educativa, que contou, desde a sua criação, com o seu dinamismo de pioneiro; o Centro de Estudos de Pedagogia Audiovisual e muitos, muitos mais organismos, associações, congressos, grupos de trabalho, em que o Prof. Calvet era sempre uma presença executiva e mobilizadora de diversas vontades.

Recordo-o, numa das suas últimas participações públicas, como membro da Comissão Etária dos Espectáculos Cinematográficos, criada nos dias imediatos ao 25 de Abril de 1974. Nas infindáveis madrugadas de discussão, determinadas pela elaboração dos estatutos internos e da lei de regência da Comissão, só havia duas vozes capazes de amainar as hostes, onde começavam a fermentar amuos, melindres e assaduras, típicas de todas as infâncias revolucionárias. Uma das vozes de acalmia era a do Dr. João dos Santos. Outra, a do Prof. Calvet de Magalhães.



MANUEL MARIA DE SOUSA CALVET DE MAGALHÃES (1913-1974) nasceu em Lisboa, onde completou o curso de Pintura, na Escola Superior de Belas-Artes. Como pintor obteve o Prémio Sousa Cardoso de 1948 e os Prémios Anunciação e Miguel Lupi da Academia Nacional de Belas-Artes. Obras suas pertencem ao espólio do Museu de Arte Contemporânea e Museu das Galveias, entre outros.

Habilitado com o curso de Ciências Pedagógicas da Universidade de Coimbra e com o curso de de Cenografia do Conservatório Nacional, foi professor efectivo e metodólogo. Director da Escola Técnica Elementar (depois, Escola Preparatória) de Francisco de Arruda, colaborou na reforma do Ciclo Preparatório

do Ensino Secundário e participou, como vogal, em diversos organismos dependentes do Ministério da Educação entre os quais, Instituto de Acção Escolar, Instituto de Tecnologia Educativa, Instituto de Alta Cultura, etc.

Ilustrou diversos livros e publicou obras de carácter didáctico, de divulgação cultural e informação pedagógica. Dos seus livros sobre artesanato popular, "Bordados e Rendas de Portugal" continua a ser uma obra de referência. Foi presidente da direcção do Atlético Clube de Portugal, clube popular com sede na mesma freguesia (Alcântara) onde está situada a Escola de Francisco de Arruda. Era agraciado com o Grau de Cavaleiro da Ordem de Instrução Pública.



CALVET DE MAGALHÃES

Aqui o lembrei para os seus amigos e para aqueles que não tiveram o privilégio de conhecê-lo. Mas há outras formas de perpetuação da memória.

Vejo com alívio que aquela decisão estranhíssima de retirar às escolas os nomes dos seus patronos ou de impedir que novas escolas os elegessem, entre os nomes de personalidades da região ou do país, foi, definitivamente, arquivada no capítulo das ordenações cabotinas. Entro, agora, na Escola Delfim Santos, ao Alto dos Moinhos, ou na Escola Rui Grácio, em S. Pedro de Sintra, com quem faz uma visita de amizade, equivalente a um reencontro. Estes dois eminentes professores continuam no activo.

Então, para quando uma Escola Calvet de Magalhães? E porque não dar à antiga escola do Alto da Tapada o nome de quem a criou, porque nela e para ela viveu, até ao extremo do acto do viver? Que outras paredes melhor do que estas para guardarem na memória a celebração de memória o nome do mestre, que deixou de herança uma escola-piloto, obra dispersa, reputação íntegra, muito crédito de amizade, recordações saudosas?

O arquitecto quinhentista Francisco de Arruda podia passar a denominar uma das várias secções da escola que, paradoxalmente, projectou o seu nome mais do que a Torre de Belém. A obra e o autor da obra nem sempre são celebrados a par.

Mas sê-lo-iam no caso de Calvet de Magalhães se esta proposta inspirasse mais apoios e alcançasse a aprovação das instâncias competentes. Acredito que sim. Trata-se apenas de repor a realidade, de restituir o seu a seu dono, de aproveitar a ocasião única em que obra e homem de novo se identificarão com corpo único, como, de facto, ao longo de muitos anos, sempre aconteceu. Círculo perfeito ou fecho de abóbada, que a memória do professor bem merece.

3º COLÓQUIO NACIONAL DE VOLUNTARIADO UM PROJECTO: SER SOLIDÁRIO

ORGANIZADO pela Cruz Vermelha Portuguesa, nos dias 3 e 4 de Novembro, realizou-se o 3º Colóquio Nacional de Voluntariado. Uma das comunicações, feita por Helena Novais, serviu para apresentação do Projecto Voluntariado Social, lançado pelo IAC com o nome "Ser Solidário", de que publicamos alguns extractos.

O Projecto "Ser Solidário" destina-se a acolher todas as pessoas que se nos dirigem manifestando o desejo de colaborar como voluntários na defesa dos Direitos de Criança e na promoção do seu bem-estar.

Com efeito, para a prossecução dos seus objectivos, IAC considera indispensável a cooperação do voluntariado. São, de facto, os voluntários que, com a sua acção específica, dão um precioso contributo para a motivação, humanização e eficácia do trabalho social.

O Projecto "Ser Solidário" assenta numa filosofia de compromisso em que cada voluntário põe ao serviço de cada criança a sua generosidade e iniciativa.

Os seus objectivos visam, assim, por um lado, dar corpo e capacidade de intervenção ao movimento de voluntários que nos procura, e, por outro, dar satisfação a necessidades específicas de apoio social às crianças, em especial às mais fragilizadas por situações de doença, invalidez e isolamento.

ACÇÕES EM CURSO

De entre as acções em curso, contam-se as seguintes: no apoio a crianças sozinhas, sem enquadramento familiar, inter-



nados em instituições, proporcionando-lhes "um dia de alegria"; as visitas, as saídas, os passeios, as actividades; a oportunidade dada de adquirir novos conhecimentos e novas experiências de vida (um dia em família, como fins-de-semana, férias); promover o apadrinhamento das crianças. E ainda, a prevenção de situações de risco decorrentes do facto de as crianças permanecerem sozinhas, na rua ou em casa, por longos períodos de tempo.

Uma outra área de intervenção prioritária deste projecto é a dina-

(...) Estou inserida numa comunidade. Todos os dias temos conhecimento da violação dos mais elementares direitos da criança, ou pelos meios de comunicação social ou pela nossa experiência de vida, e da falta de suficientes acções para os promover.

São situações inquietantes às quais não podia ser indiferente, sentia necessidade de participar. Era o meu dever de cidadã contribuir para que a criança, ou pelo menos algumas crianças, vivessem com dignidade, confiança e alegria, porque só assim po-

(...) Eu sempre fui uma pessoa muito inconformista e nunca aceitei muito bem aquela ideologia que afirma que sozinhos não podemos mudar o mundo. Mas à medida que fui crescendo, fui-me apercebendo que esta é uma realidade que não se pode contestar. Nós sozinhos pouco podemos fazer.

Foi aí que o Instituto de Apoio à Criança entrou. Eu vou começar a trabalhar já este mês no projecto de crianças de rua, no Bairro 6 de Maio, na Damaia. Este projecto ajudou-me a compreender que, muito embora nós sozinhos pouco possamos fazer, todos juntos, trabalhando em complementaridade, podemos e devemos acreditar que é realmente possível mudar alguma coisa.

Madalena, 20 anos, estudante

(...) Em breve todos tínhamos feito novos e bons amigos. Amigos que de certa forma contam muito connosco como alguém que se preocupa com eles, lhes telefona, lhes escreve, que os visita e procura saber se vão bem na escola, se estão de boa saúde.

Amigos que nos beijam e abraçam com carinho de que eles tanto precisam e merecem.

O desenvolver destas amizades, não posso deixar de o sublinhar, tem da minha parte sido conseguido com o apoio da minha família, minha mulher e minhas filhas, que com a sua alegria, carinho e amizade, muito têm ajudado junto das crianças.

Somos um belo grupo e ainda seremos melhores.

Mário Jorge, 38 anos, empregado de escritório

mização da animação de actividades de tempos livres e a dinamização do voluntariado juvenil, para além do apoio pedagógico escolar específico a crianças com dificuldades de aprendizagem no seu desenvolvimento escolar.

Um outro desejo do Projecto é intervir junto de famílias com crianças deficientes, quer no acompanhamento das crianças, na sua casa, por curtos períodos de tempo, proporcionando aos pais um espaço de tempo livre; quer no acolhimento, em residências, para descanso dos pais, por períodos mais longos.

Procura-se ainda desenvolver a cooperação com os movimentos de voluntaria-

derão preparar-se para intervir na sociedade do futuro.

No que toca aos direitos humanos, não se pode ter uma conduta omissiva, não se pode, como se costuma dizer, facilitar. Porque os direitos humanos só adquirem algum alcance num contexto de solidariedade, solidariedade dentro de cada sociedade.

Por isso contactei o IAC, uma instituição que protege, defende e promove os direitos da criança. (...)

Lisa, advogada, 27 anos

com outros Projectos e instituições, com vista ao desenvolvimento do voluntariado; promover a selecção, formação e integração dos voluntários nas equipas em instituições onde vão actuar; pôr à disposição dos voluntários um espaço de encontro e de diálogo e uma estrutura técnico-administrativa de suporte; pôr à disposição do Projecto os recursos necessários para o desenvolvimento das acções.

Aos voluntários, como agentes de acção e enquanto grupo organizado, cabe também, para além das suas acções específicas, a responsabilização pela condução do Projecto, pelo desenvolvimento das suas actividades e da sua orientação.

A Madalena, a Sónia, a Elsa e o Mário Jorge dão-nos um testemunho da sua forma de estar e de agir no Projecto Ser Solidário.

Há dias, de manhã, que quando acordamos olhamos à nossa volta e pensamos que não é justo termos tudo e haver quem não tenha nada. Então, sentimos uma vontade incontável de modificar o mundo, de ajudar tudo e todos, de conduzir a sociedade para um futuro melhor.

Assim, impelida por este ideal, dirigi-me ao IAC, como voluntária, onde fui confrontada com a pergunta: porquê?

Porque sou impelida pelo desejo de levar um sorriso a alguém que necessita de um pouco de amor e carinho. Pela alegria de ver iluminar-se o rosto de outro ser, que também ele busca a felicidade.

Porque me sinto na obrigação de transmitir aquele amor divino e gratificante que só se torna eterno quando partilhado.

Todos nós precisamos de nos dedicar a um outro ser, seja ele pessoa ou animal. Todos necessitamos de uma palavra, de carinho, de um gesto de conforto.

Se todos nós necessitamos de alguém que nos acompanhe nesta caminhada — a que chamamos vida —, então as crianças necessitam de acompanhamento reforçado... elas que despontaram tão recentemente para a vida...

Eu tenho demasiada alegria e felicidade para partilhar. Eu quero ver sorrisos.

Se temos tanto para dar e elas tanta sede de receber, porque não tentar?

Sónia, 18 anos, estudante

IAC PRESENTE

- A Direcção-Geral da Comunidade Europeia (que engloba o Emprego, as Relações Industriais e os Assuntos Sociais) foi representada por Cristina Louro, no dia 31 de Outubro, tendo tido a oportunidade de contactar com a equipa do Projecto de Rua e com a população alvo, expressando posteriormente a importância da visita para si, podendo ser uma interlocutora junto das instâncias europeias.

- O Instituto Nacional da Criança de Angola (organização governamental) fez-se representar, numa visita ao Projecto de Rua, pela sua presidente e por um director provincial no dia 3 de Novembro. Este instituto tem uma função de envolvimento das instituições e de trabalho coordenado com a Parceria.

- No dia 10 de Novembro, 13 elementos dos Institutos Nacionais de Juventude da Espanha, Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai e Argentina, acompanhados por uma técnica do Instituto Português da Juventude e integrados numa visita de estudo designada "Aprendizagem Intercultural", puderam visionar o vídeo do Projecto e dos Espaços de Convívio de Julho, explicitando também as experiências nos respectivos países.

- No congresso "A Família e o Desafio da Vida", organizado pelo Movimento de Defesa da Vida, no âmbito do Ano Internacional da Família, estiveram como participantes Matilde Esteves e Pedro Queiroga.

- Em 25 e 16 de Novembro, Isabel Cândido e Ana Cristina, da equipa do Bairro 6 de Maio, no encontro "Raparigas Mães ou Mães Adolescentes — Que perguntas, que respostas?", integrado no seminário de Vilar, no Porto, organizado pela Fundação da Juventude.

- No IV Congresso Internacional sobre Estilos de Vida, Comportamentos Aditivos e Sida, nos dias 24 e 25 de Novembro, na Fundação Gulbenkian, integrado na programação de Lisboa 94.

- Maria João Pena e Leonor Santos participaram nas Jornadas da Câmara Municipal da Amadora sobre "A Criança e a Família", em 12 de Dezembro.

- Manuel Coutinho foi entrevistado pela TVI, em 25 de Novembro.

- Manuela Eanes esteve presente no encontro "Famílias e Realida-

dades, organizado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a 22, 23 e 24 de Novembro, integrado no Ano Internacional da Família, no Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão.

- Manuela Eanes esteve presente na sessão solene de abertura do ano lectivo de 1994/95 da Casa Pia de Lisboa, no dia 18 de Novembro.

- Nos dias 9 e 10 de Dezembro, em Alcobaca, onde participou Ana Lúcia na mesa-redonda sobre "Inter-relação criança-família", no colóquio "Família nos Dias de



FESTA DE NATAL
NO CENTRO
DR. JOÃO DOS
SANTOS —
CASA DA PRAIA

ACTIVIDADE LÚDICA OS JOGOS, OS BRINQUEDOS E OS ESPAÇOS EDUCATIVOS

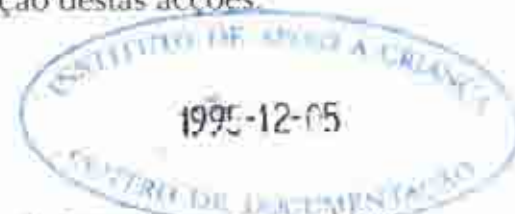
A escolha de um brinquedo ou de um jogo para uma ludoteca pressupõe, por parte do educador, a utilização de critérios de selecção rigorosos e pluridisciplinares.

A criação de uma ludoteca ou de um espaço lúdico implica, por parte dos responsáveis, a elaboração de um projecto cuja conceptualização é determinada por uma rigorosa identificação de toda a problemática que o envolve.

Seleccionar, através dos critérios mais adequados, jogos e brinquedos, e implementar uma ludoteca, ou espaço lúdico, de acordo com uma metodologia adequada de projecto, são preocupações constantes dos técnicos ligados à educação, à saúde e ao bem-estar das crianças, com os quais o sector de Actividade Lúdica do IAC tem

contactado, directa ou indirectamente. Nesse sentido, a Actividade Lúdica realizou duas acções de formação de carácter teórico-prático, sob a orientação de Leonor Santos, no Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, que procuraram responder às expectativas em causa.

A primeira, "Seleccção e caracterização de brinquedos", teve lugar no dia 9 de Novembro e contou com a presença de 21 participantes; a segunda, "Como fazer um projecto para a implementação de uma ludoteca", realizou-se no dia 22 de Novembro e nela estiveram presentes 22 técnicos ligados à educação. Dado o elevado número de inscrições recebidas, está agendada para o início de 1995 nova realização destas acções.



Hoje"

- Manuela Eanes encerrou o colóquio "Mineurs en fugue: l'Errance en Europe", organizado pela "Sauvegarde de l'Adolescence", de 28 a 30 de Novembro, em Paris. Igualmente presentes Adelina Odete e Matilde Esteves.

- No congresso "A Família e o Desafio da Vida", realizado na Fundação Gulbenkian, no âmbito do Ano Internacional da Família e promovido pelo Movimento Defesa da Vida. Presentes, Manuela Eanes e Isabel Franco.